

Os rostos marcados nas disciplinas

Rafael Rodrigues da Silva¹

Eu tenho duas baterias com o meu nome. Duas baterias completas compradas por alunos, que vinham tendo aulas de Música comigo nos dois anos que lecionei no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e que nunca tiveram outro instrumento, foram batizadas com meu nome. Nunca as vi, mas seguem sendo como troféus para mim. Os alunos vieram me contar isso, enquanto ainda tinham aulas comigo, como quem sabia que isso significava muito, mas provavelmente não podiam imaginar o impacto que isso teve. Além da óbvia saturação de significados que esse batismo manifesta, o momento em que fiquei sabendo da primeira bateria Rafael foi o exato momento em que me dei conta de que estava fazendo algo muito parecido com o que um regente coral lá de Curitiba tinha feito comigo.

Sérgio Deslandes foi o cara que recebeu um aluno numa oficina (no contra turno de uma escola particular) viciado em tocar violão e usou toda aquela vontade de aprender em favor das oficinas que ele oferecia e dos interesses diversos daqueles que participavam da oficina. Quando dei por mim, estava cantando no coral e tocando flauta doce. Aprendi muito e descobri que aquilo era uma carreira. Mais do que isso, descobri que ele tinha formação superior em Música e que eu, cursando o ensino médio, estava mais próximo de cursá-lo do que eu poderia imaginar.

Digo que foi “muito parecido” porque o Sérgio pegou um cara tarado por música e canalizou aquela energia, ora ensinando, colocando-me em apresentações, indicando cursos e arranjando situações nas quais eu tinha que me virar, ora acalmando aquele guri que queria aprender tudo de uma vez só. Eu peguei duas pessoas que nunca tiveram envolvidos em práticas musicais (exceto a escuta) e “os fiz” ter vontade de fazer a música ocupar um tempo muito maior do que vinha ocupando em suas vidas. Isso é diferente, mas não pior nem melhor do que o Sérgio fez (ele, inclusive deve ter muito mais “conquistas” como essas do que eu).

O Sérgio é, mais do que um grande músico, um cara bacana, querido por todos, sempre com histórias para contar e boas piadas. Hoje, olhando pra trás, entendo que o

¹ Graduado em Música pela Universidade Estadual de Londrina e Especialista em Pedagogia da Arte pela UFRGS. É professor na Universidade de Caxias do Sul e na rede municipal de ensino de Porto Alegre. Cursa o mestrado em Educação da PUCRS sob orientação do Prof. Dr. Marcos Villela Pereira.

Sérgio, para mim, era mais do que um professor. Ele era uma materialização de um projeto de vida, ele era o mais próximo daquilo que aquele garoto de quinze anos almejava para si mesmo.

Hoje, no campo da Educação, pesquiso na perspectiva da profissionalização docente, ou seja, me ocupo de tentar definir um repertório de saberes próprios à profissão de professor, e, portanto, na contramão das perspectivas subjetivistas que elencam as características pessoais como definidoras de um bom profissional. Mesmo assim, é preciso reconhecer que a relação que se estabelece entre professor e aluno é, geralmente, bastante confusa na medida em que, via de regra, confunde-se o próprio professor com a matéria que leciona. Talvez seja demais, mesmo para quem é da área da Educação, esperar que saiba distinguir claramente o que é a personalidade do professor daquilo que é a sua, digamos, metodologia.

O sociólogo François Dubet ao relatar, em entrevista publicada na Revista Brasileira de Educação, a experiência na qual lecionou por dois anos História e Geografia numa escola na periferia de Bordeaux (França) afirma:

Não sou pedagogo, mas não acredito, como a maioria dos meus colegas, em uma pedagogia milagrosa. Uma pedagogia não é uma pura ferramenta na medida em que não há corte entre a pedagogia e a personalidade. A pedagogia é uma técnica da operacionalização da personalidade. Quando se pede a um professor para mudar o seu método, não se pede apenas que ele mude de técnica, pede-se para que ele próprio mude. (DUBET, 1997, p. 226)

Isso implica dizer que, para uma parte significativa dos alunos, matérias tem rosto e rostos nos remetem a alguém que aceitamos ou rejeitamos. Seria interessante, pesquisar os rostos que vem à mente das pessoas quando falamos de química, matemática e português para, então, buscar outras formas de compreender a marca (positiva ou negativa) que essas matérias deixaram e quais as características dos professores que emprestam seus rostos a elas. Muitas e muitas matérias e professores atravessaram a minha vida, mas o primeiro rosto que a Música teve na minha vida foi o do Sérgio. Depois dele, muitos outros professores marcaram a minha vida e tornaram-se novos “projetos de vida” e novos rostos para uma mesma matéria, mas a cada passo que eu dou no campo e a cada reconhecimento do meu trabalho, “olho” para o Sérgio e penso na carreira que um dia eu projetei pra mim. Mais do que isso, olho para o próprio garoto de quinze anos almejando algo para si.

Hoje, olho para trás e vejo que três dos alunos que tiveram maior contato com a música a partir das minhas aulas decidiram cursar o curso superior de Música, fico feliz em saber que não estou tão distante do Sérgio assim e que o rosto que esses alunos levam consigo quando pensam a disciplina Música é digno de ser considerado como um projeto razoável. Isso, em linhas gerais, é tudo o que eu penso ser plausível almejar: já que é meu rosto que está marcando a ideia que tantos levarão da Música e da Educação Musical, que seja um rosto motivante, que expresse a paixão que tenho por essas duas áreas e que eu olhe para o garoto que fui com a consciência tranquila por ter mudado o percurso que ele planejou.

Referência

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 5, p. 222-231, maio/ago., 1997.